

06 de Abril de 2025

Confissão de fé de Westminster

Capítulo 30

E, se ele se recusar a ouvir essas pessoas, exponha o assunto à igreja; e, se ele se recusar a ouvir também a igreja, considere-o como gentio e publicano

censuras

Celesiásticas





TEMA: Lidando com o Pecado

Lição 30: O Governo da Igreja e a Disciplina Eclesiástica

Introdução

Vivemos tempos difíceis, em que a autoridade tem sido amplamente questionada e, muitas vezes, rejeitada. Há um movimento crescente de desconfiança em relação a qualquer forma de liderança, seja na família, na escola, no governo — e também na igreja.

No entanto, como povo de Deus, enquanto igreja visível e ainda militante neste mundo, precisamos estar organizados e submetidos a uma liderança piedosa, a fim de cumprirmos, com fidelidade, os propósitos que o Senhor nos confiou.

Foi por isso que o próprio Cristo, como cabeça da igreja, estabeleceu oficiais entre o seu povo: para que, por meio deles, exerça seu cuidado e governo espiritual sobre aqueles que o seguem.

1. CRISTO INSTITUIU UM GOVERNO EM SUA IGREJA VISÍVEL

Essa é uma verdade fundamental, embora vá na contramão do pensamento de muitos movimentos surgidos ao longo da história cristã, especialmente em reação ao autoritarismo romano e à institucionalização de algumas igrejas protestantes. Grupos como os Irmãos, os Quakers, e, no Brasil, a Igreja Maranata, são exemplos de correntes que rejeitam ou minimizam a ideia de governo eclesiástico.

Contudo, a forma pela qual Cristo governa sua igreja visível neste mundo não é por meio de uma presença direta e física, mas por meio de pessoas que Ele mesmo levanta, qualifica e capacita para o exercício do ministério. É através desses servos — pastores, presbíteros e diáconos — que o Senhor cuida, orienta e conduz seu rebanho.

Aqueles que se tornam membros de uma igreja reformada são ensinados, desde o início, sobre a importância e a legitimidade do governo espiritual estabelecido por Cristo, e sobre o dever cristão de se submeter a essa liderança — sempre com humildade e discernimento.

É preciso reconhecer que muitos relutam em se vincular a igrejas sérias justamente por não desejarem se sujeitar à autoridade espiritual dos líderes que foram constituídos por Deus. Mas essa submissão não é cega: ela está sempre limitada e regulada pela Palavra de Deus. A autoridade da liderança eclesiástica só é válida na medida em que está de acordo com o ensino claro das Escrituras.

Em uma igreja verdadeiramente bíblica, Cristo continua governando seu povo — por meio de servos fiéis, com autoridade legítima e amorosa, para o bem da igreja e para a glória de Deus.

Esse governo está nas mãos de oficiais qualificados

O Senhor Jesus, em sua sabedoria, confiou o governo da sua Igreja visível a homens cristãos devidamente preparados, chamados e reconhecidos pela comunidade de fé.

No sistema reformado, esses oficiais — presbíteros e diáconos — são eleitos pelas assembleias das igrejas locais. Diferente de modelos mais hierárquicos, aqui os próprios membros participam ativamente da escolha de seus líderes, ainda que esse processo ocorra sob a orientação e supervisão dos oficiais já constituídos.

As Escrituras são claras quanto às qualificações exigidas para esses homens. Textos como 1Timóteo 3, Tito 1 e Atos 6 nos ensinam que o caráter deve ser irrepreensível, a vida familiar exemplar e, no caso dos presbíteros, que tenham capacidade para ensinar e conduzir o rebanho.

A esses oficiais, Cristo confiou autoridade para governar sua igreja neste mundo. No entanto, esse governo não é exercido de forma individual, mas coletiva — em concílios, conselhos e reuniões de liderança, onde as decisões são tomadas em espírito de unidade e serviço.

É importante destacar que, segundo o entendimento reformado, não há base suficiente nas Escrituras para que mulheres exerçam a função de liderança e governo nas igrejas e nos concílios. Contudo, isso de forma alguma diminui o valor do ministério feminino. As irmãs em Cristo desempenham um papel essencial e inestimável na edificação e no bom andamento da vida da igreja.

Os oficiais, por sua vez, não devem ser vistos como espiritualmente superiores. São irmãos do mesmo povo, chamados para servir. A Reforma Protestante reagiu com firmeza contra a separação entre “clérigos e leigos” imposta pela igreja romana, onde os líderes eram considerados parte de uma casta sacramental especial. Essa distinção foi rejeitada pelas igrejas reformadas, que afirmam que todos somos parte do corpo de Cristo e sacerdotes uns dos outros.

Por fim, é importante lembrar que, embora os oficiais governem, o poder final na vida da igreja pertence à assembleia dos membros. É ela quem elege e, se necessário, pode também depor seus líderes — tudo conforme a vontade de Cristo, Senhor da Igreja.

A autoridade da Igreja é espiritual, e não civil

Durante muitos séculos, o sistema romano misturou as esferas da autoridade civil e religiosa, confundindo o papel do Estado com o da Igreja. Os reformadores protestaram contra essa mistura indevida e defenderam uma necessária distinção entre os dois tipos de governo.

Eles entenderam que o Estado possui uma função dada por Deus, mas que essa função não deve se estender ao governo da Igreja. Da mesma forma, a liderança eclesiástica não deve legislar nem interferir nos assuntos civis. Cada esfera tem sua autoridade específica, concedida pelo Senhor.

Uma das razões pelas quais os reformadores viam o papa como uma figura anticristã era justamente por suas pretensões de domínio sobre os reis e os reinos da época — algo que ultrapassava, e muito, os limites da autoridade espiritual.

Dessa forma, a autoridade exercida pelos oficiais da Igreja — reunidos em conselhos e concílios — é espiritual, eclesiástica e meramente declarativa. Ou seja, os líderes da Igreja não têm o poder de obrigar alguém a agir contra sua consciência ou vontade. Eles podem, sim, advertir, aconselhar, corrigir e aplicar a disciplina eclesiástica, conforme o ensino das Escrituras, mas sempre respeitando a liberdade de consciência diante de Deus.

A Igreja deve lembrar que sua missão é espiritual: proclamar a Palavra, cuidar do rebanho, chamar ao arrependimento e exortar em amor. E essa autoridade, embora real, é exercida com mansidão e fidelidade ao evangelho de Cristo — Aquele que governa sobre todos, com Verdade e Graça.

2. O PODER QUE CRISTO CONFERIU AOS OFICIAIS

Jesus Cristo confiou à sua igreja uma responsabilidade séria e gloriosa: o uso das “chaves do Reino dos céus”. Isso significa que os oficiais da igreja — especialmente os ministros da Palavra — foram chamados para anunciar, aplicar e preservar a verdade do evangelho, conforme revelada nas Escrituras. Vejamos o que isso envolve:

1) **A pregação do evangelho como porta de entrada ao Reino**

Pela proclamação fiel da Palavra de Deus, os oficiais anunciam o perdão dos pecados em nome de Cristo. Aqueles que ouvem com fé e se arrependem são recebidos no Reino de Deus. A pregação fiel abre as portas do Reino aos pecadores arrependidos, como Jesus ordenou.

2) **A disciplina eclesiástica como instrumento de correção**

Quando alguém, de maneira persistente e impenitente, se recusa a abandonar o pecado, a igreja — através de seus concílios — aplica a disciplina, podendo chegar até à exclusão da comunhão visível da igreja. Esse ato é uma expressão solene de que, ao persistir no pecado, essa pessoa se coloca fora dos limites do Reino de Deus. Falaremos mais sobre isso na próxima aula.

3) **Um contraste com a visão romana**

A igreja de Roma atribui esse poder exclusivamente ao papa, permitindo até a emissão de indulgências — ou seja, supostos perdões de pecados para vivos e mortos.

Foi justamente contra essa prática que Martinho Lutero se levantou em 1517, ao ver a venda de indulgências assinadas pelo papa Leão X.

Já na tradição reformada, entendemos que o perdão dos pecados é ministrado pela Palavra de Deus, aplicada com fidelidade e colegialidade pelos oficiais da igreja.

4) **Autoridade espiritual não é controle da vida pessoal**

Pastores e oficiais da igreja não devem exercer domínio sobre a vida pessoal dos membros, como se fossem seus donos.

Não é função deles determinar onde alguém deve morar, qual emprego escolher ou com quem casar.

Contudo, é seu dever instruir com amor, aconselhar com base nas Escrituras e lembrar os princípios da Palavra de Deus que iluminam essas decisões.

A autoridade espiritual deve sempre ser exercida com humildade, visando a edificação e a liberdade dos filhos de Deus.

Textos bíblicos:

Mat. 16:19 – “Eu lhe darei [a Pedro] as chaves do Reino dos Céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus; e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus.”

Mat. 18:17-18 – “E, se ele se recusar a ouvir essas pessoas, exponha o assunto à igreja; e, se ele se recusar a ouvir também a igreja, considere-o como gentio e publicano. — Em verdade lhes digo que tudo o que ligarem na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligarem na terra terá sido desligado nos céus.”

At. 14:23 – “E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor, em quem haviam crido.”

At. 20:17, 28 – “De Mileto, Paulo enviou uma mensagem a Éfeso, pedindo aos presbíteros da igreja que se encontrassem com ele... Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho no qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.”

Fil. 1.1 – “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos.”

I Tess. 5:12 – “Irmãos, pedimos que vocês tenham em grande apreço os que trabalham entre vocês, que os presidem no Senhor e os admoestam.”

1Tim. 3.1-7 – “Fiel é a palavra: se alguém deseja o episcopado, excelente obra almeja. É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, moderado, sensato, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, nem violento, porém cordial, inimigo de conflitos, não avarento; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito. Pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus? Que o bispo não seja recém-convertido, para não acontecer que fique cheio de orgulho e incorra na condenação do diabo. É necessário, também, que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair na desonra e no laço do diabo.”

I Tim. 5:17 – “Devem ser considerados mercedores de pagamento em dobro os presbíteros que presidem bem, especialmente os que se esforçam na pregação da palavra e no ensino.”

O que diz a Confissão de Fé

1. O Senhor Jesus, como Rei e Cabeça da sua Igreja, nela instituiu um governo nas mãos dos oficiais dela; governo distinto da magistratura civil.

2. A esses oficiais estão entregues as chaves do Reino do Céu. Em virtude disso eles têm respectivamente o poder de reter ou remitir pecados; fechar esse reino a impenitentes, tanto pela palavra como pelas censuras; abri-lo aos pecadores penitentes, pelo ministério do Evangelho e pela absolvição das censuras, quando as circunstâncias o exigirem.

Uma das funções do governo da igreja instituído por Cristo é aplicar censuras eclesiásticas aos membros faltosos. Vamos entender um pouco mais o que os reformadores pensavam e o que a bíblia diz a respeito desse tema. Primeiro, vamos dar olhada o que diz a CFW:

O que diz a Confissão de Fé

III. As censuras eclesiásticas são necessárias para chamar e ganhar para Cristo os irmãos ofensores para impedir que outros pratiquem ofensas semelhantes, para purgar o velho fermento que poderia corromper a massa inteira, para vindicar a honra de Cristo e a santa profissão do Evangelho e para evitar a ira de Deus, a qual com justiça poderia cair sobre a Igreja, se ela permitisse que o pacto divino e os seios dele fossem profanados por ofensores notórios e obstinados.

IV. Para melhor conseguir estes fins, os oficiais da Igreja devem proceder na seguinte ordem, segundo a natureza do crime e demérito da pessoa: repreensão, suspensão do sacramento da Ceia do Senhor e exclusão da Igreja.

3. MAS O QUE SÃO AS CENSURAS ECLESIÁSTICAS? Um Ato de Amor e Cuidado

A disciplina da igreja, também chamada de censura eclesiástica, é uma das expressões do cuidado de Cristo por seu povo. Trata-se de medidas tomadas pela liderança da igreja com o objetivo de corrigir irmãos e irmãs — sejam membros ou oficiais — que tenham caído em pecado. Mais do que punição, a disciplina visa restauração, arrependimento e a glória do nome de Cristo.

1. Por que precisamos de disciplina na igreja?

Embora sejamos justificados pela fé em Jesus Cristo, ainda carregamos a nossa natureza pecaminosa.

- a. Por isso, infelizmente, é possível que crentes sinceros venham a tropeçar, trazendo escândalo e vergonha ao Evangelho.
- b. Além disso, sabemos que nas igrejas visíveis há uma mistura de crentes e não crentes — nem todos que estão na comunhão são, de fato, regenerados.

2. Como deve começar o processo disciplinar?

Quando o pecado de um membro ou oficial se torna conhecido pelos demais oficiais, a primeira resposta deve ser pastoral.

- a. Os líderes devem buscar o faltoso com humildade e amor, visando levá-lo ao arrependimento e à restauração.
- b. Em muitos casos, será necessário que haja restituição e reconciliação com quem foi ofendido.
- c. Os oficiais devem se lembrar de que também são pecadores e que podem cair nos mesmos erros. O espírito deve ser sempre de mansidão e compaixão.

3. Quando a correção pastoral não é suficiente

Se, após esse esforço pastoral, o faltoso permanecer endurecido, os líderes espirituais devem usar outros meios, com o mesmo objetivo: conduzi-lo ao arrependimento.

- a. Esses meios são chamados de censuras eclesiásticas.
- b. Toda igreja que deseja ser fiel à Palavra de Deus deve zelar pela vida espiritual de seus membros, não permitindo que o pecado permaneça sem correção.

4. O problema do descuido e da seletividade

Infelizmente, em muitas igrejas, apenas pecados que geram grande escândalo público —

geralmente ligados à sexualidade ou ao dinheiro — são tratados com disciplina.

a. Quando pastores e presbíteros deixam de cuidar da vida espiritual do rebanho, o pecado se aloja e se alastra, muitas vezes em silêncio.

b. Isso enfraquece o testemunho da igreja e prejudica profundamente a vida espiritual dos irmãos.

5. **A disciplina é expressão do amor de Deus**

Por mais difícil e desconfortável que a disciplina eclesiástica possa parecer, ela é um ato necessário de amor e fidelidade.

Cristo corrige a quem ama, e a igreja, como seu corpo, deve fazer o mesmo — com firmeza, mas também com graça e esperança de restauração.

Por Que a Disciplina na Igreja É Necessária?

As censuras eclesiásticas, ou seja, a disciplina aplicada pela igreja, são expressões do cuidado de Cristo pelo seu povo. Elas não visam humilhar ou castigar, mas corrigir, restaurar e preservar a pureza da igreja. Veja por que elas são tão importantes:

1. **Para levar o pecador ao arrependimento**

A disciplina é, muitas vezes, o meio que Deus usa para que o faltoso caia em si e volte para Cristo. Muitos que resistem à exortação pastoral e ao apelo fraternal acabam refletindo sob o peso da correção e se arrependem. Com coração quebrantado e espírito contrito, eles buscam novamente o Senhor, desejosos de perdão e restauração.

2. **Para trazer temor ao restante da igreja**

Quando a congregação percebe que seus líderes levam a sério a santidade de vida e exercem disciplina sobre os que caem, isso produz reverência. Um santo temor se instala entre os irmãos, lembrando-os de que viver em santidade é algo que Deus exige do seu povo. Esse temor é uma proteção para a igreja, guardando-a de cair nos mesmos erros.

3. **Para evitar o escândalo e a corrupção espiritual**

Quando pecados conhecidos não são tratados, isso dá a impressão de que são tolerados pela liderança. Isso pode encorajar outros a cometerem os mesmos erros, acreditando que nada acontecerá. A consciência coletiva se corrompe, especialmente entre os mais jovens e impressionáveis.

4. **Para dar um testemunho claro ao mundo**

Quando pecados públicos não são ignorados, mas confrontados com verdade e graça, a igreja envia uma mensagem importante à sociedade: Ela não compactua com o pecado, mesmo quando cometido por um dos seus e está disposta a sofrer perdas e “cortar na carne” para preservar a honra do nome de Cristo.

5. **Para preservar a comunhão e a bênção de Deus sobre o povo**

O problema não está no fato de que ainda pecamos, mas em esconder ou ignorar os nossos pecados. Como no caso de Acã (Josué 7), pecados não tratados podem atrair o desagrado de Deus sobre toda a comunidade. Quando a disciplina é exercida corretamente, a igreja pode andar com liberdade, sem medo do juízo divino.

6. **Ainda que dolorosas, as censuras são necessárias**

Aplicar a disciplina eclesiástica é, muitas vezes, um processo difícil e sensível. Requer sabedoria, amor e coragem. No entanto, o bem espiritual do faltoso e da igreja como um todo exige esse cuidado pastoral.

7. **É dever dos oficiais da igreja exercer essa responsabilidade**

Os líderes da igreja devem zelar pela pureza da comunidade da fé. Como pastores do rebanho de Cristo, prestarão contas ao Supremo Pastor por cada alma confiada a eles.

4. **COMO APLICAR A DISCIPLINA NA IGREJA: TIPOS E CUIDADOS:**

Nesse último tópico veremos quais são os tipos de censuras (ou disciplinas) aceitos nas igrejas reformadas e como elas devem ser aplicadas com responsabilidade, justiça e amor cristão.



Antes da disciplina, o cuidado pastoral!

Antes de qualquer medida corretiva, deve-se buscar o arrependimento do faltoso por meio de exortações pastorais, conversas pessoais e conselhos amorosos. Somente se esse processo não for eficaz é que se deve aplicar a disciplina propriamente dita.

Critérios para decidir a censura

Os oficiais da igreja devem considerar:

- 1) As circunstâncias agravantes ou atenuantes do caso;
- 2) A extensão do conhecimento público do pecado cometido – ou seja, se é algo privado ou já se tornou conhecido por muitos.

O que são agravantes?

São fatores que tornam o pecado mais grave e merecedor de disciplina mais rigorosa, como:

- a) Ter uma longa vivência na igreja e conhecimento das doutrinas cristãs.
- b) Ter crescido em um ambiente de fé (família cristã, bons amigos etc.).
- c) Ter maus antecedentes – reincidência no mesmo pecado ou atitudes de rebeldia.
- d) Ter negligenciado os meios de graça, como a frequência aos cultos.
- e) Demonstrar arrogância e recusa de reconhecer o erro ao ser confrontado.

→ *A presença desses fatores exige uma disciplina mais firme.*

O que são atenuantes?

São aspectos que, embora não justifiquem o pecado, ajudam a compreendê-lo e recomendam maior misericórdia na correção:

- a) Ser novo na fé ou ter pouca instrução bíblica.
- b) Ter crescido ou viver em ambiente hostil à fé (família descrente, trabalho mundano etc.).
- c) Ter um histórico de bom comportamento e envolvimento na igreja.
- d) Demonstrar arrependimento sincero, humildade e vontade de mudar.
- e) Confessar voluntariamente o pecado.

→ *Esses elementos devem inspirar uma abordagem mais pastoral e acolhedora.*

Três tipos de censura nas igrejas reformadas

Conforme o caso, a disciplina pode assumir três formas:

- 1) **Repreensão:** particular ou pública, dependendo do alcance do erro.
- 2) **Suspensão da Ceia do Senhor:** o membro é temporariamente afastado da mesa até que haja arrependimento e mudança de vida.
- 3) **Exclusão da comunhão:** quando, após exaustivas tentativas, o faltoso permanece impenitente e recusando a correção.

Censura privada ou pública?

- a) **Privada:** Quando o pecado não se tornou público.
- b) **Pública:** Quando o erro já é do conhecimento geral da igreja.

Justiça e cuidado no processo

Nenhuma censura deve ser aplicada sem um processo justo e regular, no qual o faltoso tem direito de ser ouvido, defender-se e explicar-se. Os oficiais da igreja devem agir com amor, sabedoria, paciência e firmeza, sempre buscando o bem espiritual do faltoso.

Diferenças entre tradições evangélicas

As formas de aplicar a disciplina variam entre as igrejas:

No sistema congregacional, a assembleia da igreja decide. No modelo episcopal e pentecostal, a disciplina é aplicada pelo pastor ou bispo.

→ *O essencial, porém, é que a disciplina seja um instrumento de restauração, jamais um meio de vingança, exclusão ou perseguição pessoal.*

Passagens bíblicas

I Cor. 5:1-5 – “Ouve-se por aí que entre vocês existe imoralidade, e imoralidade tal como não existe nem mesmo entre os gentios, isto é, que alguém se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai. E vocês andam cheios de orgulho, quando deveriam ter lamentado e tirado do meio de vocês quem fez uma coisa dessas. Eu, na verdade, ainda que fisicamente ausente, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, o autor de tal infâmia. Em nome de nosso Senhor Jesus, reunidos vocês e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, que esse tal seja entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor.”

I Tim. 5:20 – “Quanto aos que vivem no pecado, repreenda-os na presença de todos, para que também os demais temam.”

Judas 22-23 – “E tenham compaixão de alguns que estão em dúvida; salvem outros, arrebatando-os do fogo; quanto a outros, sejam também compassivos, mas com temor, detestando até a roupa contaminada pela carne.”



Gál. 6:1-2 – “Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vocês, que são espirituais, restaurem essa pessoa com espírito de brandura. E que cada um tenha cuidado para que não seja também tentado. Levem as cargas uns dos outros e, assim, estarão cumprindo a lei de Cristo.”

Mat. 18:15-17 – “Se o seu irmão pecar contra você, vá e repreenda-o em particular. Se ele ouvir, você ganhou o seu irmão. Mas, se não ouvir, leve ainda com você uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda questão seja decidida. E, se ele se recusar a ouvir essas pessoas, exponha o assunto à igreja; e, se ele se recusar a ouvir também a igreja, considere-o como gentio e publicano.”

ITess. 5:12 – “Irmãos, pedimos que vocês tenham em grande apreço os que trabalham entre vocês, que os presidem no Senhor e os admoestam.”

II Tess. 3:6,14-15 – “Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo, ordenamos a vocês que se afastem de todo irmão que vive de forma desordenada e não segundo a tradição que vocês receberam de nós. Caso alguém não obedeça à nossa palavra dada por esta carta, vejam de quem se trata e não se associem com ele, para que fique envergonhado. Contudo, não o tratem como inimigo, mas admoestem-no como irmão”.

ATÉ A PRÓXIMA EBD – Lição 31: Sínodos e Concílios

Não Perca!!!